

O que caracteriza fundamentalmente a ciência pós-moderna são a subjetividade e o relativismo.

Subjetividade, segundo colocado por Lalande, é “Característica daquilo que é subjetivo, ... que pertence ao sujeito ou existe a partir dele; é, portanto, algo construído a partir da observação e da percepção, filtrado pelo referencial cognitivo, ideológico, lógico e afetivo”. (1993: 1060) Objetivo, ao contrário, é aquilo que existe por si só, independente da apreensão do sujeito.

Ainda segundo Lalande, relativismo é a “doutrina que admite que todo o conhecimento humano é relativo, ... isto é, que não é absoluto, que não pode ser afirmado sem reserva, que depende de outro termo, situação ou fenômeno”. (1993: 947) Em comparação ao subjetivismo, que faz o conhecimento humano depender de fatores que residem no sujeito cognoscente, Hessen coloca que “o relativismo enfatiza mais a dependência que o conhecimento humano tem de fatores externos” (1999: 37).

A controvérsia básica na produção científica é se existe a possibilidade do conhecimento objetivo e absoluto a partir mesmo da visão empírico positivista, ou se a subjetividade e o relativismo são necessariamente inerentes ao processo na medida em que o conhecimento é sempre uma apreensão humana parcial da realidade, seja ela qual for.

Recorrendo a Karl Popper e suas críticas ao positivismo lógico, reconhecemos que nenhuma observação é neutra e que o processo de indução baseado na observação não resiste à sua própria lógica interna. Mesmo a partir de seu racionalismo crítico, afirma que toda a conclusão é provisória, sendo submetida à corroboração e permanecendo aberta à refutação, estabelecendo o princípio da falsificabilidade.

Thomas Kuhn introduz o termo paradigma para designar um conjunto de crenças ou teorias que direciona toda uma área de pensamento científico e que explicaria, por isso mesmo, determinados vieses na prática, percepção e formulação teórica. A própria existência desses paradigmas representa um condicionamento a priori na produção do conhecimento. Pelo seu princípio da incomensurabilidade, defende que é impossível justificar racionalmente a preferência por uma ou outra teoria.

Para Paul Freyerabend “a ciência não tem um método próprio nem uma atividade racional...” (in Alves-Mazzotti e Gewandsznajder,

2000: 39). Ele mesmo se denomina um “anarquista epistemológico” e defende essa posição com base no postulado de que a ciência precisa ser livre para evoluir e na constatação de casos levantados na história da ciência em que alguma regra metodológica importante teve que ser desconsiderada para que o conhecimento pudesse avançar. Representa, portanto, o extremo da liberação subjetiva e relativista.

Podemos dizer que hoje existem duas grandes vertentes paradigmáticas na produção do conhecimento científico: a do condutivismo, baseado no postulado de que a realidade pode ser apreendida pela observação e experimentação objetiva e que essa realidade conduz ao conhecimento absoluto, e a do construtivismo, em que a realidade não pode ser invariavelmente apreendida in totum e, portanto, o conhecimento seria, por princípio, uma construção subjetiva circunscrita ao contexto relativo da observação.

Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2000: 132), a partir da Conferência dos Paradigmas Alternativos realizada em 1989 e do trabalho de Egon Guba, *The Paradigm Dialog*, publicado em 1990, colocam que existem três paradigmas aceitos como sucessores do positivismo clássico, condutivista e que se aplicam atualmente ao universo das ciências sociais: o construtivismo social, a teoria crítica e o pós-positivismo. Esses paradigmas instigam e validam novas abordagens ontológicas, epistemológicas e metodológicas no mundo da ciência, abrindo novos espaços para a investigação e a reflexão.

Nossa mensagem à comunidade acadêmica é de que ocupe esses espaços dentro do rigor e da humildade científica que eles propõem, buscando, ao mesmo tempo, uma relevância social na escolha temática e problematizante. O desafio posto é de que a ciência se coloque diretamente a serviço da sociedade e não se restrinja a um colóquio interno de vaidades e futilidades. A intersubjetividade acadêmica valida os paradigmas de cientificidade, mas é a história que valida a produção científica e os pesquisadores.

Posto esse cenário, a *Momentum*, como revista técnico-científica, se propõe aos seguintes objetivos e princípios, definidos no seu Regulamento:

Quanto aos objetivos a serem atingidos:

- Criar um espaço de publicação que estimule a produção científica de seus corpos docente e discente, extensivo a membros da comunidade acadêmica externa;
- Estimular o debate científico;

- Despertar a consciência pública para temas e questões de relevância social;
- Influir em princípios e práticas profissionais dos agentes sociais.

Quanto aos princípios a serem seguidos:

- Democratização do pensamento e do espaço científico;
- Rigor metodológico;
- Veracidade dos fatos;
- Exercício do senso crítico;
- Obediência aos preceitos éticos prevalentes na sociedade;
- Relevância social dos temas, das questões e dos conteúdos.

Dentro dessa perspectiva, a *Momentum* também acolhe uma ampla variedade de trabalhos, a saber:

- Editoriais;
- Artigos científicos;
- Pesquisas;
- Ensaios;
- Resenhas;
- Revisões bibliográficas;
- Relatos.

A íntegra do Regulamento da revista e do Regimento do Conselho Editorial podem ser consultados através do *site* da FAAT: [www.faat.edu.br](http://www.faat.edu.br).

A publicação é o braço extensionista por excelência da pesquisa; é o ponto de encontro e de socialização formais intra-acadêmico e entre a academia e a sociedade.

Ellis Wayne Brown  
Presidente do Conselho Editorial